



TRAVESSIAS 07 ISSN 1982-5935  
 revistatravessias@gmail.com

## O MATUTO E O VIOLINO

Laerte Galesso<sup>1</sup>

Toda tardinha, quase noite, ele chegava do trabalho e quando apontava no velho portão de madeira tocava o sininho - uma espécie de campainha - da sua antiga, mas bem conservada bicicleta Monark azul real.

Toda tarde eu ficava esperando ele chegar e assim que ouvia a campainha da bicicleta, corria descalço pelo enorme quintal de terra vermelha e pulava nos seus braços fortes. Ele, então, me colocava no selim da bicicleta e me levava para dentro da pequena casa onde morávamos.

Eu me sentia seguro!

Não sabia o que era gostar. Afinal eu ainda nem me conhecia por gente.

Mas como eu gostava dele! E sentia que, para ele, eu era alguém muito especial: era seu terceiro filho. Já não era o caçula, mas me sentia muito amado.

Não me lembro como eu comecei a andar nem quantos anos eu tinha, só sei que meus passos já eram firmes. Imagino, hoje, quase cinqüenta anos depois, que devia ter uns três ou quatro anos. Por esse cálculo, era o ano de 1954 ou 55.

Mas a memória é uma coisa incrível! Têm dias que nem me lembro o que comi no almoço, mas ainda me lembro da sua barba, sempre por fazer, pinicando meu rosto e do leve cheiro de suor da sua roupa - ele pedalava quase cinco quilômetros do trabalho até a casa. O seu cabelo preto levemente ondulado e penteado para trás e o bigodinho que todo homem daquela época usava.

A barba pinicando e o cheiro de suor não me incomodavam. Ele me pegava e me jogava pra cima sempre três vezes e me segurava no ar.

A gente era muito pobre, mas eu não tinha noção de riqueza. Então, para mim, aquilo não era relevante. Só sabia que tinha alguém que me fazia feliz.

É tão bom sentir-se amado!

Depois, vieram outros filhos e ele teve que dividir o seu carinho, que parecia ser só meu. Não fiquei com ciúme, pois sabia que seria sempre um dos prediletos.

A casa era muito pequena: havia apenas um quarto de tijolos com uma pequena janela de madeira sem vidros, onde dormíamos todos: eu, minha irmã Laura, meu irmão Valdir, mais velhos, o caçula João e os nossos pais. A cozinha era de madeira e o chão batido. Quando chovia ficávamos todos no quarto esperando ele chegar. Não havia luz elétrica e quando escurecia minha mãe acendia o lampião a querosene que carregava de um canto para o outro, conforme a tarefa que fazia.

A pequena casa ficava no meio de um arvoredo de eucaliptos, não tínhamos vizinhos e para qualquer direção que se fosse era preciso caminhar quase um quilometro até se encontrar outra casa.

<sup>1</sup> lgaless@abra.com.br



TRAVESSIAS 07 ISSN 1982-5935  
revistatravessias@gmail.com

Toda casa tinha que ter pelo menos um cachorro. O nosso se chamava Luke, um alegre vira-lata de pêlos brancos, macios e encardidos. Tínhamos também um gato todo preto que morreu queimado. Ele costumava dormir dentro do fogão à lenha, o único recurso que minha mãe tinha para fazer nossa comida. Um dia, meu irmão jogou álcool no fogão e ateou fogo sem ver que o animalzinho estava lá dentro. O pobre gato passou como uma bola de fogo à minha frente e foi morrer no matagal atrás da casa. Fiquei bastante traumatizado e sonhei com a bola de fogo várias noites.

Meu pai tinha uma capa e um chapéu grande. Quando chovia ele chegava mais tarde e todo encharcado. O pequeno e pálido farol da bicicleta era a única luz para quebrar a escuridão da noite. O escuro lá fora me dava medo, um medo que só acabava quando ele chegava. Mesmo quando chegava molhado e cansado ele tinha um sorriso para mim.

Toda noite, sempre no mesmo lugar, ele se sentava na cadeira de palhinha. Minha mãe fervia a água tirada do poço com o sarilho, esquentava e colocava na bacia para que ele lavasse os pés. Muitas vezes, ele pedia para que eu o ajudasse a tirar suas botas. Na verdade, ele tirava quase tudo e eu apenas as puxava, aí ele, sorrindo, elogiava minha força.

Banho mesmo só aos sábados.

Quase todas as noites, depois de comer, ele se sentava na cama de casal e, recostado na cabeceira, pegava o velho violino que em suas mãos enormes e calejadas parecia um brinquedinho de madeira, com carinho ajeitava no queixo e começava a esfregar o bastão, soltando pelo ar uma música suave. Seu semblante era sério e compenetrado e o som que saía do pequeno instrumento quebrava o silêncio, abafando o tilintar dos grilos e os chiados dos sapos da lagoa próxima. Nessa época eu não tinha a menor noção que tipo de música era aquela, mas era bonita. Décadas mais tarde vim saber que eram valsas e chorinhos brasileiros.

Era um despropósito: daquele pequeno pedaço de madeira ele tirava o mesmo som que, às vezes, eu ouvia no velho rádio de válvulas que havia em cima da cômoda. Seu olhar severo já era o suficiente para que ficássemos quietos enquanto estivesse tocando. Às vezes, eu cochichava com a minha irmã e a minha mãe fazia sinal com o dedo na boca para que ficássemos quietos. De vez em quando, ela cantarolava trechos acompanhando a música e ele balançava a cabeça em sinal de aprovação. A pequena casa se transformava num reduto de alegria. Até o velho Luke, deitado próximo ao fogão, parecia sorrir dormindo.

Essa rotina, que às vezes era quebrada com as brigas que eles tinham, durou um bom tempo, mesmo depois que mudamos para outra casa também pequena, porém, mais perto da civilização.

Seu passatempo, agora, se dividia entre tocar o violino, ouvir o programa do Moraes Sarmiento todas as noites e jogar bocha aos domingos. Ele gostava também de fazer pequenos trabalhos manuais. Na pequena e improvisada oficina montada num barracão anexo à casa, na época do Natal, ele montava carrinhos de madeira para mim e meus irmãos e casinha de boneca para minha única irmã até aquela altura. O dinheiro mal dava para comer, portanto, não sobrava nada para comprar brinquedos. Às vezes, a gente ganhava alguns brinquedos de verdade de uma senhora bem velhinha, que pertencia a uma instituição beneficente.



TRAVESSIAS 07 ISSN 1982-5935  
 revistatravessias@gmail.com

Hoje eu sei o que é sensibilidade. Sei que para tocar bem qualquer instrumento é preciso muito estudo e dedicação. Eu mesmo já senti essa dificuldade, tentando arranhar o meu velho violão, que insiste em me acompanhar por mais de trinta anos. Mas, até agora eu não entendo como ele conseguia tocar daquele jeito, sem nunca ter feito uma única aula de música, sem conhecer uma só nota musical. Sei também que ele não tocava totalmente de acordo com as notas de uma partitura, como toca um músico estudado. Mas tocava com sentimento. A alma presente, um passado distante, a mocidade, os amores vividos.

Um homem do campo, que amava a terra e a natureza. E que na lavoura lutou. A lida diária da luta pela existência, o suor sem reclamar.

O filho de imigrantes que da Europa herdou o dom da cultura e o gosto pela leitura.

Nasceu em 1926, numa fazenda de colonos italianos, próximo à cidade de Espírito Santo do Pinhal, no interior Paulista.

Sua adolescência já foi o cabo da enxada na lavoura de café.

Minha mãe contava que ele estudou só até o terceiro ano do antigo curso Primário, mas que foi “professor” na fazenda onde morava. Ensinava crianças a ler e escrever.

Quando vieram para São Paulo, ele arranhou emprego de abrir picadas nas terras que pertenciam aos Moraes, próximo a Interlagos, na região de Santo Amaro, hoje, bairro Vila Inglesa. Todas aquelas terras, inclusive onde a gente morava, pertenciam à família Moraes.

Um dia, quando eu já tinha uns onze ou doze anos, ele me levou a um passeio no Museu do Ipiranga. Foi um dos raros passeios que fizemos juntos na minha adolescência; uns três anos depois ele nos deixou e foi viver com sua outra família num sítio perto de Mogi das Cruzes. Acho que nunca teve a noção da tristeza e do vazio que me causou. Talvez por considerar que eu já era grande o bastante para entender a separação do casamento. Até aceitei, mas não entendi o porquê dele ter sumido da minha vida. Eu sabia onde ele estava, por isso, sabia que não estava morto. Eu sempre esperava que viesse me visitar, mas ele nunca aparecia. No começo, até que vinha de vez em quando, até que perdemos totalmente o contato.

Voltando ao passeio, ele me mostrava coisas do Museu e falava dos fatos, dos objetos e dos retratos com tanta certeza e propriedade que eu o admirava cada vez mais. Ele conhecia bem a história da Independência do Brasil e da Monarquia. Paramos em frente ao enorme quadro do pintor Pedro Américo, que tem por título O Grito e ele me falou que o Brasil foi um dos poucos países que conquistou a sua independência sem luta, apenas com a coragem e decisão do Príncipe Regente Dom Pedro I, num momento certo. Eu ficava maravilhado com as histórias.

Depois da visita ao museu, nos sentamos na murada que dava para o jardim. A tarde estava ensolarada e quente; lá do alto podíamos ver as fontes soltando fortes jatos que cintilavam contra o sol. A cena era bucólica e igual, como em todos os jardins do mundo: crianças corriam; casais de namorados; o sorveteiro e pessoas em trajes esportivos andavam como se tivesse todo o tempo do mundo. Perguntei se podia tomar um refrigerante e ele me comprou um Grapete. Ah! Aquele saborzinho de uva gaseificada é inesquecível.





Meu pai era de poucas palavras e impassível, eu quase nunca conseguia imaginar o que ele estaria sentindo ou pensando. Ele raramente me dirigia uma palavra de carinho. Mas, para mim, aquilo não tinha a menor importância, seus gestos e seu sorriso sempre aberto já diziam tudo.

Eu sabia que ele me amava.

Ficamos ali parados contemplando o cenário com o sol se pondo por trás do morro. Não havia prédios por ali. De repente, ele colocou a mão no meu joelho e fez menção de apertá-lo. Ele estava sorrindo, talvez me querendo dizer que estava feliz por estar ali comigo. Olhei para a sua mão enorme e, não sei por que, me lembrei do violino, não resisti e perguntei a ele como arranjava aquele violino e como aprendera a tocar aquelas músicas esquisitas.

Meu pai ficou surpreso com as minhas perguntas àquela hora, riu do meu interesse e começou a me contar: falou que meu avô, Etoze, trouxera o violino da Itália e que aquele era um violino famoso, se chamava Stradivarius, em homenagem ao seu criador, um italiano chamado Antonio Stradivari, que havia criado esse instrumento há mais de duzentos anos.

Fiquei espantado, imaginando como aquele instrumento era antigo. Mas meu pai, adivinhando meus pensamentos, explicou que aquele violino não era tão antigo e sim um “modelo Stradivarius”. Contou ainda que desde menino costumava ouvir seu pai tocar o instrumento e se interessou pelo som melancólico que saía dele. Só que seu pai era muito severo, um italianão de Padova, na Região do Vêneto e nem deixava que ele chegasse perto do violino.

Um dia - contou meu pai - meu avô tinha ido pra cidade e ele não resistiu e pegou o violino, apesar da bronca da minha avó, Regina Spina e começou a esfregar a vareta nas cordas. Ele ficou ali entretido e nem percebeu quando seu pai chegou. O velho Etoze ficou olhando um tempão o filho pequeno tentando tirar algum som do instrumento. Quando meu pai viu que ele estava ali, levou um baita susto e se preparou para a surra. Mas, ao contrário, meu avô estava de bom humor e sorriu dizendo que se ele quisesse mesmo aprender a tocar, ele, meu avô, iria ensiná-lo.

Pela primeira vez eu entendi o que é tradição.

E onde ele escutava aquelas músicas?

Bem! O senhor Moraes, chefe da família para a qual meu pai trabalhava era um homem letrado, gostava de música e tinha uma coleção chamada “Mestres da Música”, com Beethoven, Chopin, Puccini e outros. Tinha também dezenas de LP's de 78 rotações, com músicas de Pixinguinha, Francisco Alves, Ari Barroso, Lupicínio Rodrigues e outros autores brasileiros de destaque entre as décadas de 1920 a 1950. Ele gostava muito do meu pai e vivia chamando-o para tomar vinho e ouvir as músicas de sua coleção. Meu pai ficava muito sem jeito, pois não era comum o patrão permitir sequer que os empregados entrassem em sua casa, que dirá sentar para tomar vinho e ouvir música. Mas, como todo bom “oriundi”, ele gostava de vinho e gostava de música também. Ele contava que o Senhor Moraes, seu patrão, não acreditava que meu pai gostasse mesmo daquelas músicas e achava que dizia que gostava só para agradá-lo. Ele tinha uma vitrola com som hi-fi e ficavam horas bebericando vinho e escutando música. Meu pai decorava as melodias e depois tocava no violino.



O tempo foi passando e ele já não tocava com a mesma religiosidade de antigamente. Mas, pelo menos umas três vezes por semana ele pegava o instrumento e tocava chorinhos e valsas. O difícil agora era conseguir silêncio: a esta altura já éramos oito irmãos.

Nos fins de semanas ele se juntava com dois amigos, Sete Cordas e Jairo. Sete Cordas tinha esse apelido porque era mestre no violão de sete cordas e Jairo era bom no pandeiro. Eles se reuniam no bar do Zé Alemão e tocavam melodias como Rapaziada do Brás, Branca, Carinhoso, Tico-Tico no Fubá, entre muitas outras, para deleite da freguesia que juntava para ouvir música e arranjar mais um pretexto para encher a cara de cachaça. De vez em quando, alguém se arriscava a cantar. Naquele tempo, as pessoas tinham que ter um vozeirão se quisessem se meter a cantar, por isso, poucos se aventuravam.

Mas, havia uma moça, chamada Tânia, que tinha uma bela voz e, de vez em quando, ensaiava com eles. Tânia era bonita, usava o cabelo armado e preso do lado por uma fivela. Ela trabalhava como balconista na farmácia do seu Nicanor e estava sempre bem-vestida, com saias rodadas que vinham até às canelas, destacando sua cintura bem fininha. Na época, devia ter os seus vinte anos, mas ainda não tinha se casado. Foi a primeira mulher que me despertou a atenção, mas isso é uma outra história.

Era muito bonito ver e ouvir os três tocando e Tânia cantando. Muita gente falava que eles poderiam tentar a carreira no rádio. Mas as oportunidades eram muito raras, e todos tinham que lutar pela sobrevivência na difícil vida da periferia: meu pai tinha oito filhos e trabalhava dez horas por dia e nos fins de semanas ainda consertava bombas de poço. Sete Cordas era um cachaceiro de primeira e Jairo vivia de bicos de serviços de pedreiro. Tânia, então, era uma moça de família, morava com os pais e mais seis irmãos.

Um dia, quando eu cheguei da escola ele já estava em casa. Nessa época, eu já tinha catorze anos, lembro perfeitamente, pois era abril e faltavam poucos dias para o meu aniversário de 15 anos. Estranhei porque ele nunca chegava mais cedo, nunca faltava e nunca ficava doente. Quando ele me viu, esboçou um sorriso. Nessa altura, a gente já não tinha mais contato físico. Notei que ele estava com a mão esquerda toda enfaixada, mas seu semblante era firme e impassível como sempre. Sem entender o que tinha acontecido e sem me atrever a perguntar a ele perguntei, para a minha mãe. Ela disse, chorando, que a máquina de triturar capim tinha pegado a mão dele e cortado fora três dedos, que havia ficado só as três pontas. Olhei novamente para o meu pai e ele estava sentado numa cadeira no canto da mesa da pequena cozinha e a primeira coisa que me veio na cabeça foi o violino. Em principio, me confundi com a mão que segurava o bastão e a que apertava as cordas. Depois, entrei em pânico ao lembrar que ele usava a mão direita para segurar o bastão.

Meu pai tentava manter a cabeça levantada, mas eu sabia que ele estava sofrendo muito, não apenas pela dor física que devia estar sentindo, como também pela dor no coração porque sabia que nunca mais poderia tocar o seu instrumento. O violino que seu pai lhe dera. Sua trajetória como músico amador estava acabada. O trio estava desmanchado e nunca mais poderia tocar para Tânia cantar. Talvez, para ele, a máquina não tivesse arrancado apenas as duas falanges de cada dedo, mas também um pedaço de sua alma.

Ele tinha apenas 41 anos.



Senti uma tristeza profunda e fiquei com uma tremenda vontade de ir lá, abraçá-lo e chorar nos seus braços como muitas vezes chorei, sem nenhum motivo, quando era criança. E ele sempre dizia, sorrindo, que homem não chora.

Saí dali correndo e não me contive: fiquei chorando baixinho junto ao pé de romã que havia no pequeno pomar, atrás da casa.

O velho violino ficou encostado dentro do armário por um bom tempo e nenhum dos filhos se atreveu a pegá-lo com medo da reação do velho. Numa tarde, meu pai chegou em casa com um moço, não era ninguém conhecido. O moço deu um dinheiro para ele e levou o embora o violino dentro do estojo.

Hoje, ele não está mais neste mundo, mas a memória é uma coisa incrível e têm dias em que eu olho para o céu, especialmente quando estou junto à natureza nas tardes ensolaradas e ainda escuto o som de um violino vindo de algum lugar.